

ENTREVISTA – DIAPHONÍA – v. 7, n. 2. – 2021

Neste segundo número da *DIAPHONÍA* em 2021, a Revista entrevista o Professor Doutor Luís César Yanzer Portela, do Colegiado de Filosofia da UNIOESTE. A Revista, desde já, agradece o aceite do convite para participação especial nesta edição.

D [DIAPHONÍA]

LCYP [Luís César Yanzer Portela]

D – Professor, o senhor poderia reconstituir um pouco sua biografia, formação e sobre o que motivou o interesse pela Filosofia?

LCYP – De início, quero agradecer à revista *DIAPHONÍA* pelo convite para a entrevista e parabenizar seu corpo editorial pela iniciativa da seção de entrevistas.

Nasci em Bagé, RS, no ano de 1964, num bairro da periferia denominado Loteamento São Pedro. A partir da quinta série, até a sétima, passei a estudar, mediante bolsa de estudos, em colégio particular localizado no próprio bairro, e que era administrado por padres e freiras da ordem dos Salesianos: o Instituto São Pedro de Assistência (ISPEA). No ano de 1978, ingresso no seminário menor salesiano localizado na cidade de Acurras, SC, no qual curso a oitava série. No ano de 1979, ingresso no seminário maior salesiano, na cidade de Ponta Grossa, para cursar a primeira série do ensino médio. Foi então que tive o primeiro contato com a Filosofia. No seminário não cursei a disciplina de Filosofia, pois que era ministrada somente na terceira série. No entanto, era prática da direção do seminário a exigência de que os alunos de todas as séries, para além da obrigatoriedade das atividades regulares de sala de aula, fizessem leituras, fichamentos e resenhas semanais complementares, do que chamavam de “livros” ou “artigos de formação”, e que basicamente eram da área de literatura, teologia e Filosofia. Para além de realizar leituras, fichamentos, resenha de livros de literatura brasileira, por influência de alguns amigos que cursavam a terceira série, por ser inquieto, angustiado e estranhado como mundo, lembro que li, fichei e resenhei alguns pequenos artigos de Karl Jaspers sobre a natureza da Filosofia, um livro de Roger Garaudy denominado *Do Anátoma ao Diálogo* e a conferência de Sartre *O Existencialismo é um Humanismo*. Nesse mesmo ano leio *A Idade da Razão*, de Sartre e *Metamorfose*, de Kafka, mas sem fichá-los ou resenhá-los. No final de 1979, decidi sair do seminário, voltando no ano seguinte a Bagé e à casa de meus pais, no mesmo bairro em que nasci. Integrei-me então às atividades realizadas pela igreja no bairro, inclusive ministrando aulas de Eucaristia. Conheci, naquele tempo, o padre salesiano João Pedro da Silva Peres, alcunhado Padre Peteleco, vigário da paróquia do bairro. Com ele, travei amizade e compartilhei minhas angústias e estranhamento com o mundo. A seu convite, comecei a participar dos cursos

ministrados pelo grupo católico CETA (Centro de Treinamento para Ação), vinculado à teologia da libertação, que ofertava cursos de formação acerca da doutrina social da Igreja, a respeito da qual organizamos um grupo de estudos na paróquia do bairro. Estimulados pelo padre Peteleco, passamos também a ler e estudar vários livros: da coleção Primeiros Passos, de Filosofia, sobre a conjuntura política nacional e internacional, e alguns de Marta Harnecker. E comecei a comprar os livros da coleção *Os Pensadores*. Nesse período me engajei no movimento estudantil secundarista, li alguns livros de Marx, militei contra o regime militar instalado no país e pela fundação do Partido dos Trabalhadores na cidade. No ano de 1982, ingressei no curso de Estudos Sociais ofertado pela Fundação Universidade de Bagé (FunBa), e passei a militar no movimento estudantil universitário. No primeiro ano do curso, constituído pelo ciclo básico, cursei algumas disciplinas de Filosofia, como *Introdução à Filosofia, Ética, Lógica*, e a correlata *IED (Introdução ao Estudo do Direito)*. No segundo ano, acompanhei mais disciplinas de Filosofia e correlatas, como *Ciência Política e Teoria do Estado*. Convenci-me de que deveria ingressar no curso de Filosofia, com o propósito de me aprimorar nos estudos referentes à área de Filosofia Política, o que fiz em 1984, ingressando na UFSM, onde continuei participando do movimento estudantil. Ao longo do curso, aprofundava-me em leituras de temas de Filosofia política, principalmente o contratualismo moderno, participando também de grupos de estudos sobre essa e outras áreas da Filosofia. Teoria do conhecimento e metafísica passaram a me interessar, também, principalmente em seu desenvolvimento moderno.

No ano de 1989, ingressei no mestrado em Filosofia da UFRGS, com o propósito de escrever uma dissertação sobre Hegel e sua crítica ao jusnaturalismo e ao contratualismo moderno. Após dois anos cursando várias disciplinas sobre temas pertinentes à Filosofia política e outras áreas desenvolvidas pelo Idealismo Alemão, devido a problemas de ordem pessoal, deixei o curso, regressando a Bagé. Lá, abri, com dois amigos, um Bar/Livraria, em que promovemos shows musicais, lançamentos de livros, palestras e variadas atividades culturais. Como na livraria também vendíamos livros de Filosofia, ficava informado dos lançamentos de livros da área. Não interrompi, portanto, minhas leituras.

Em 1994, prestei concurso para professor celetista da UNIOESTE, sendo aprovado e contratado. Depois de dois anos, fiz concurso para professor efetivo e passei a fazer parte de seu quadro de professores permanentes. Minhas primeiras atividades extra-aula envolveram a coordenação ou participação em grupos de estudos sobre Filosofia política, Kant, Hegel, e limites do conhecimento na Filosofia Moderna, além da coordenação de projetos de extensão e de eventos.

Em 1998, ingressei, como estudante, no mestrado em Filosofia da UFPB, com projeto de dissertação sobre o pensamento político de Hobbes, orientado pelo professor André Leclerc. Durante o curso de mestrado conheci o professor Juan

Adolfo Bonaccini, que ministrava disciplinas sobre Kant. Para uma dessas disciplinas escrevi um trabalho sobre Kant, com cerca de 70 páginas, e o professor Bonaccini manifestou encontrar nele bom esboço do que poderia redundar em uma dissertação de mestrado. Em conversa com o meu orientador, abandonei o projeto de dissertação sobre Hobbes e escrevi, sob sua orientação e com coorientação de Juan Bonaccini, uma dissertação sobre a *Crítica da Razão Pura*.

No ano de 2014, ingressei no doutorado em Filosofia da UNICAMP, defendendo, em 2019, sob orientação do Professor Daniel Omar Perez, tese de doutorado também sobre a *Crítica da Razão Pura*.

D – Acerca, agora, de sua trajetória de pesquisa iniciada com a obra de Hobbes e Kant: o que o levou a trabalhar essas fontes no contexto mais amplo da Filosofia Moderna?

LCYP – Como qualquer período na História da Filosofia, a época moderna é constituída por elenco de expressivos e significativos pensadores que se dedicam a produzir tanto Filosofia teórica quanto prática.

Do ponto de vista prático, é nesse período que alguns filósofos desenvolvem o que ficou conhecido como a teoria contratualista política, que teve não só impacto na formação e constituição dos Estados nacionais, como também importante repercussão e influência na constituição da teoria e Filosofia política posteriores.

Inicialmente, minha inserção nos estudos sobre Hobbes é motivada pelo interesse de compreender as teses sustentadas pelos expoentes do contratualismo político moderno. Com isso em vista, dediquei-me, inicialmente, a ler as obras de Filosofia política de Hobbes, Locke, Rousseau e de Kant, sobretudo no que concerne às teses contratualistas.

Ao ler as obras políticas de Hobbes, para além de sua peculiar teoria política sobre a instituição do Estado e o contrato que o legitima, bem como sua abordagem originária da condição do homem em estado natural, da lei natural, da autorização e representação política, da moralidade e justiça como estabelecida pelas leis civis do Estado, duas de suas proposituras chamaram minha atenção.

A primeira foi Hobbes conceber que estava apresentando, pela primeira vez na História da Filosofia, uma ciência acerca da Política, ciência cujo cerne consiste na apresentação das leis e movimentos que regem a instituição, a composição e a animação de um corpo artificial, denominado “Estado”.

A segunda propositura foi que Hobbes concebia tal ciência como terceira e última parte de um projeto sistemático ambicioso. As duas partes precedentes desse sistema, cujas teses centrais, cientificamente expostas, deveriam ser consideradas pela Ciência Política, versavam sobre o corpo em geral, e mais especificamente sobre

o corpo material e as leis que regem seu movimento, e, em seguida, teses sobre o Corpo Humano em específico, suas faculdades, e as leis que regem seus movimentos.

A partir do momento em que me dei conta do projeto sistemático de Hobbes, motivei-me a desenvolver estudos e pesquisas mais aprofundadas sobre o *De Corpore* (com ênfase na sua teoria da linguagem, da representação cognitiva, de seu materialismo e mecanicismo), *De Homine* (com ênfase na teoria das faculdades e da paixão), *De Cive* - e também *Elements of Law*, e *Leviathan* (focando sua teoria política em geral).

Do ponto de vista teórico, dentre o variado leque de problemas que ocuparam a reflexão e investigação dos filósofos modernos, independentemente de serem racionalistas, empiristas, ou idealistas, dois temas chamaram minha atenção. O primeiro, de natureza epistêmica, trata das fontes, dos limites e da extensão do conhecimento humano; o segundo, de natureza metafísica, questiona a possibilidade e a legitimidade da realização de uma metafísica com *status* de ciência. Isso me levou à leitura de variados autores, mas posso nominar como principais nomes Descartes, Locke, Hume, Leibniz, Espinosa, Kant e Hegel.

Na leitura de obras desses filósofos, convenci-me de que foi Kant o que mais se ocupou em abordar conjuntamente os dois problemas mencionados. Isso me levou a desenvolver pesquisas mais aprofundadas sobre a obra kantiana, buscando, por um lado, compreender seu projeto teórico crítico sobre a possibilidade uma ciência que expusesse as condições de possibilidade de um conhecimento puro *a priori*, e, por outro, investigar se essa ciência possuiria já *status* metafísico, ainda que em moldes diferentes dos da tradição metafísica precedente, e, em sendo o caso, como poderia ser caracterizado.

Tendo esse problema como norte de meus estudos, passei a pesquisar o possível *status* metafísico da *Crítica da Razão Pura*, o que desenvolvi em minha dissertação de mestrado. Num segundo momento, investiguei, de modo mais aprofundado, o que Kant compreendia por Filosofia transcendental. A questão central poderia ser assim formulada e desdobrada: é possível, em algum sentido, sustentar que a Filosofia transcendental se reveste do caráter metafísico de uma ontologia renovada perante à tradição? Em que obras se encontraria essa ontologia e como Kant a desenvolvera? O que isso implica para o projeto kantiano de elaboração de um sistema de metafísica da natureza, também em moldes diferentes dos tradicionalmente elaborados? Numa resposta a essas questões constituiu-se minha Tese de Doutorado.

D – Quais outros projetos teóricos o professor tem em vista?

LCYP – Tenho o projeto de escrever um livro sobre a Filosofia jurídica de Hobbes. A estrutura está já esboçada e redigi uma série de apontamentos. Já sobre a Filosofia de Kant pretendo me dedicar ao estudo de suas várias lições sobre metafísica, com ênfase na parte em que discorre sobre a ontologia e a Filosofia transcendental.

D – Conte-nos um pouco sobre a sua experiência na UNIOESTE.

LCYP – Como disse, no ano de 1994, ingressei na UNIOESTE como professor celetista de Filosofia, lotado no *campus* de Toledo, condição em que permaneci até 1995. No ano de 1996, após concurso para professor efetivo, passei a integrar seu quadro funcional permanente. Quando cheguei, deparei-me com uma universidade *multicampi* que estava começando a se constituir como tal, e na condição de funcionário público senti-me na obrigação de, para além de ministrar aulas, fazer pesquisa e extensão, contribuir ativamente com sua futura configuração e consolidação. Enquanto fui professor celetista busquei me informar acerca da história da recente constituição da UNIOESTE, participar ativamente nas instâncias deliberativas a que a condição de professor seletivo me permitia acesso e das reuniões e assembleias sindicais.

A partir do momento em que me tornei professor efetivo, tive a oportunidade de atuar mais amplamente, o que posso expor em uma sequência de itens, para deixar mais claro, conforme for lembrando.

Tornei-me protagonista e participante de várias ações afetas ao curso de Filosofia da UNIOESTE. Ministrei na graduação disciplinas de meu interesse, propus grupos de estudos sobre diversos temas filosóficos, coordenando alguns e participando de outros, e do mesmo modo passei a integrar os grupos de pesquisa em *Ética e Filosofia Política* e em *História da Filosofia*, ambos do colegiado de Filosofia. Continuamente estava envolvido em projetos individuais de pesquisa, em geral elaborando os temas de autores e áreas que já mencionei. Propus e coordenei projetos de extensão e de ensino, participando, vez ou outra, de projetos dos demais professores. O mesmo se passou com eventos de Filosofia. Outro esforço que considero relevante foi ter coordenado várias edições do curso de especialização em ‘Filosofia Política e do Direito’, sempre ministrando a disciplina *Contratualismo Político Moderno*. O resultado levava a outras tarefas inerentes à vida funcional de um professor efetivo: orientar monografias na graduação e na especialização, orientar alunos em pesquisas de iniciação científica e no Estágio, integrar bancas diversas, como para seleção de alunos do Grupo PET, trabalhos de conclusão de curso, concursos, bancas de ascensão funcional e, claro, de especialização. Algo que me parece particularmente bom frisar foi ter participado ativamente da construção

da proposta para abertura do mestrado em Filosofia da UNIOESTE e ter organizado, ao longo dos anos, vários livros divulgando a produção de docentes e discentes de nosso curso.

Além do que expus, ocupei cargos e funções administrativas. Fui vice-chefe e chefe do Departamento de Filosofia (mais tarde, a organização foi alterada e passamos a ter apenas o Colegiado); coordenei a graduação, o curso de especialização em Filosofia do Direito e o PARFOR, Programa de formação continuada para professores do ensino médio. Assessoriei a direção do Centro de Ciências Humanas e Sociais e, mais tarde, a direção do campus de Toledo, inclusive na parte pedagógica. Com isso, pude participar ativamente da proposição de vários projetos que redundaram na construção de obras e melhoria da infraestrutura da UNIOESTE, principalmente em nosso campus. Fui também Assessor especial da Reitoria.

Atualmente, além de assessor da direção do Centro de Ciências Humanas e Sociais, sou Coordenador local do Campus de Toledo no processo seletivo simplificado para contratação de professores, e também coordenador no campus de Toledo do Nufop (Núcleo de formação de Professores). Além disso, coordeno a comissão de extensão do CCHS, e sou membro do Comitê de extensão da UNIOESTE.

Algumas dessas atividades me levaram a participar, mais de uma vez, das instâncias consultivas e deliberativas universitárias, como o Conselho de Centro, o Conselho de campus e o Conselho Universitário.

Todas estas oportunidades a mim proporcionadas pela UNIOESTE, e outras que a memória desses longos anos de atuação já não consegue conservar, conduzem-me à conclusão de que a UNIOESTE, desde o início, foi construída e configurada como instituição democrática e plural, e que, assim como a mim possibilitou, sem obstáculos, a realização de atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, a ocupação de cargos e acesso a instâncias deliberativas e consultivas, permite que todo professor empenhado na melhoria da instituição possa contribuir para a definição de sua configuração e destino.

Ademais, é de ressaltar que a consolidação da UNIOESTE como universidade que hoje tem reconhecido mérito acadêmico se deve a ofertar também a servidores técnicos as oportunidades acima mencionadas, além de permitir que se qualifiquem formalmente para o exercício de suas funções.

D – O professor teve atuação marcante, decisiva até, em vários projetos concernentes ao Curso de Filosofia aqui da UNIOESTE, entre eles, a promoção de eventos como o Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea, a criação da Biblioteca Setorial de Filosofia, bem como a gestão de cursos de pós-graduação. Que significado histórico-pessoal têm esses projetos, para o senhor?

LCYP – A resposta pode ser resumida em duas simples palavras: satisfação e gratidão.

No entanto, como essa resposta é lacônica, e talvez não satisfaça a expectativa da revista, aproveitarei a oportunidade para um relato sobre esses empreendimentos e minha participação neles; com isso, creio que ficará mais claro o que desejo expressar com aquelas duas simples palavras.

O Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE foi um projeto proposto ao Colegiado de Filosofia por mim e pelo prof. José Atilio Pires da Silveira. Tínhamos um “diagnóstico” sobre o curso e a expectativa de que o Simpósio seria importante para auxiliar a resolver alguns problemas que constatávamos. A primeira edição foi no ano de 1996.

Nossa impressão era de que, apesar de o curso de Filosofia da UNIOESTE existir havia vários anos e contar com professores oriundos de centros universitários reconhecidos no país e no estrangeiro, em que tinham se graduado ou pós-graduado, e apesar, também, de realizarem em Toledo estudos e pesquisas relevantes, no conjunto, enquanto curso, não travávamos diálogo ativo com pesquisadores e alunos de fora.

O contato se mantinha individualmente, basicamente devido a alguns docentes que estavam cursando doutorado. Por outro lado, outros docentes projetavam doutorar-se em breve. Havia expectativa de concurso para contratação de professores efetivos. Ofertávamos regularmente cursos de especialização. Tudo isso favorecia o projeto de, a médio prazo, abrirmos curso de Mestrado, mas uma dificuldade permanecia: por estar localizado no interior do Paraná, o curso não era muito conhecido pela comunidade filosófica do país e não mantinha relações de intercâmbio com outros cursos de Filosofia. Isso gerava, por exemplo, o seguinte problema adicional: nossos alunos tinham potencial para continuar seus estudos em cursos de pós-graduação do país, mas faltava-lhes contato com professores e alunos que neles atuavam.

Baseados nessa avaliação do curso, apresentamos ao Colegiado a proposta de realização de um Simpósio na área de Filosofia Moderna e Contemporânea, em que se concentravam os estudos e pesquisas realizados pelos docentes, em sua ampla maioria. O propósito era trazer palestrantes com reconhecida projeção no cenário filosófico no país, oriundos de várias regiões, tornando nosso curso conhecido pela comunidade filosófica do país e estreitando, quando não criando mesmo, laços de

pesquisa e institucionais. Isso poderia criar condições para o estabelecimento de intercâmbio, viabilizaria o contato dos alunos com possíveis orientadores em cursos de Mestrado e, por fim, daria base mais consistente para implantação de um curso de Mestrado em Filosofia aqui mesmo, em Toledo.

Aprovada pelo Colegiado a proposta do Simpósio, gerimos junto à UNIOESTE apoio financeiro para sua realização, o que não obtivemos. Decidimos enviar, então, o projeto à CAPES, vinculando-o a um programa chamado PAEP. Junto à Pró-reitora de Pesquisa da UNIOESTE, descobrimos que a universidade, ainda começando seu processo de constituição, até então enviara um único projeto ao PAEP com aprovação. Passo contínuo, procuramos o proponente desse projeto, que nos repassou informações referentes a sua elaboração e encaminhamento, dentre elas a de que o programa PAEP preferencialmente apoiava projetos promovidos por cursos de mestrado e doutorado, o que não era o nosso caso.

Frente a isso, ligamos para a CAPES para obter informações, e tivemos o privilégio de ser atendidos por importante membro responsável pelo programa PAEP, a quem expusemos o diagnóstico sobre a situação do curso e nossas expectativas com o Simpósio. Ele nos aconselhou a remetê-lo, mesmo não sendo proveniente de programa de mestrado ou doutorado, mas modificando-o de modo a apresentar toda a situação relatada oralmente.

O próximo passo foi nos reunir com o Colegiado de Filosofia para decidir o formato do evento. Deliberou-se que o Simpósio duraria 10 dias, com apresentação de uma palestra a cada noite, proferidas por professores com reconhecido trabalho pela comunidade filosófica do país e oriundos de universidades de diferentes regiões. No turno da tarde, haveria reuniões de nossos professores com cada um dos palestrantes, para discussão sobre a pós-graduação em suas universidades.

Nessa reunião deliberou-se também que obtido o aceite dos convidados, constituiríamos a grade de programação, submetendo o projeto à aprovação nas instâncias superiores, e que produziríamos cartazes e folders para serem remetidos a todos os cursos de Filosofia do país. (Naquela época, não havia internet – tudo era feito por telefone e enviado pelos Correios.) Em nosso quadro de docentes, contávamos com a artista plástica Edy das Graças Braun, que, de pronto, se dispôs a fazer a arte para os cartazes.

Na sequência, passamos a contatar potenciais palestrantes, esclarecendo que deveriam, ao aceitar o convite, remeter-nos a declaração de que participariam do evento, o que era necessário para anexar ao pedido de apoio feito à CAPES. Sobre a efetivação dos convites é de salientar que, na ocasião, solicitamos a nosso ex-aluno, hoje professor, Claudinei Aparecido de Freitas da Silva, então mestrando na UNICAMP, um primeiro contato pessoal com o professor Osvaldo Giacóia Junior, convidando-o para palestrar no evento. Ele obteve o aceite e repassou-nos o contato

telefônico, para oficialização do convite. Esse passo foi muito relevante para o sucesso do projeto futuro de construirmos aqui a pós-graduação, devido à contribuição do professor Giacóia ao Simpósio e a nossos esforços, ao longo dos anos.

Após termos completado o quadro de palestrantes e recebido suas declarações de participação, redigimos o projeto. Contudo, Atílio e eu éramos professores universitários há pouco tempo; avaliamos não ter currículos suficientemente adequados para obter aprovação do projeto como coordenadores exclusivos. Convidamos, então, os professores Pedro Gambin (na época tutor do único grupo PET da UNIOESTE, o PET-FILOSOFIA), Jose Luiz Ames (então diretor do Grupo de Planejamento e Controle da UNIOESTE), e Hugo José Rhoden. Os três eram professores universitários há mais tempo e comporiam conosco a comissão de coordenação. Todos prontamente aceitaram. Feito isso, procedemos ao encaminhamento junto às Pró-reitorias de Extensão e de Pesquisa da UNIOESTE, para que validassem institucionalmente o projeto mediante assinatura dos pró-reitores, também exigência do PAEP, à época. Apesar de manifestarem a opinião de que não haveria aprovação pela CAPES, os pró-reitores endossaram o documento e remeteram-no à essa Agência.

Alguns meses depois do envio do projeto, recebemos da Pró-reitoria de Pesquisa a informação de que o projeto do Simpósio tinha sido aprovado pela CAPES, a qual financiaria 5 das 10 passagens aéreas demandadas para os palestrantes. Comemoramos euforicamente junto aos colegas do Colegiado, tanto por termos aprovado o projeto, quanto por ser esse o segundo projeto da UNIOESTE aprovado no programa PAEP.

Passada a euforia, o professor Atílio e eu estabelecemos que, para custear a vinda dos outros palestrantes, *coffee break*, folders e cartazes de divulgação, *pro labore*, etc., deveríamos recorrer à comunidade externa. Para tanto, contamos com o decisivo apoio do diretor de campus de Toledo, professor Carlos Alberto Cipriano, que agendou e participou de reunião com o prefeito de Toledo, Derli Donin, com o deputado federal Dilceu Sperafico e com alguns empresários da cidade. A prefeitura de Toledo custeou o valor de algumas passagens aéreas e terrestres e algumas hospedagens; o deputado Sperafico doou várias hospedagens no Olinda Park Hotel, de sua propriedade; e alguns empresários da cidade contribuíram com recursos para a realização do evento – um, inclusive, doou um porco e dois sacos de sementes de milho, os quais, com o auxílio do professor Cipriano, transformamos em dinheiro vivo. Empresários do ramo alimentício contribuíram com o *coffee break* e custearam as refeições dos palestrantes convidados. Contamos, também com a colaboração do professor Homero Fernandes Oliveira, do curso de Engenharia Química, que nos apresentou a um empresário de Toledo dono de agência de viagem, com quem conseguimos uma passagem aérea até Toledo. Alguns acadêmicos do curso de

Filosofia da UNIOESTE também angariaram recursos financeiros junto ao empresariado da cidade.

Ademais, é de ressaltar que, apesar de haver, na época, um aeroporto em funcionamento em Toledo, não contávamos com linhas áreas ligadas a todas as cidades da quais viriam os palestrantes. Isso implicava que alguns deveriam se deslocar até à cidade de Foz do Iguaçu, ou mesmo se deslocarem de ônibus até Toledo. A direção de Campus de Toledo se dispôs a custear todo o tipo de traslado dos palestrantes, fosse do aeroporto ao hotel, deste até a UNIOESTE, da universidade aos restaurantes, etc., e disponibilizar o motorista Hilário para essas funções, durante todo o evento.

Após angariarmos todo o recurso financeiro necessário à realização do evento e obtermos o comprometimento da direção do Campus do Toledo com os traslados dos palestrantes, constituímos algumas comissões, coordenadas por professores do curso de Filosofia e compostas por estudantes integrantes do grupo PET-FILOSOFIA da UNIOESTE ou não, que se encarregaram da execução do evento.

Em outubro de 1996, realizamos o primeiro Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea na UNIOESTE, no primeiro andar do prédio do curso de Engenharia Química, que tinha sido inaugurado recentemente. Não contávamos ainda com um miniauditório. A realização do evento foi um sucesso, devido ao engajamento de vários discentes e docentes do curso de Filosofia, à participação dos convidados e ao apoio obtido por parte da comunidade.

No ano seguinte, encaminhamos novamente o projeto à CAPES, no mesmo formato, e obtivemos aprovação. Novamente o custeio do evento foi parcial, e o restante dos recursos necessários à sua plena realização foi custeado pela prefeitura de Toledo, pelo deputado Sperafico e pelos empresários da cidade, com o apoio do Diretor do Campus de Toledo e o engajamento de vários alunos e docentes do curso de Filosofia.

No ano de 1998, a coordenação do evento ficou ao encargo do professor Atilio Pires da Silveira e do professor Daniel Omar Perez. Eles propuseram ao colegiado de Filosofia que o evento tivesse novo e ousado formato: 10 palestras, 2 a cada noite, proferidas por palestrantes desta vez também vindos do exterior, o que caracterizaria o Simpósio como de caráter internacional. Haveria também mesas-redondas constituídas pela apresentação de trabalhos por parte de discentes e docentes interessados, e a publicação dos Anais do Simpósio. Nestes moldes, o projeto foi encaminhado à CAPES, obtendo aprovação; a agência novamente financiou parcialmente o custeio do evento, desta feita garantindo passagens também de palestrantes estrangeiros. Visando a plena realização do evento, os coordenadores enviaram folders e cartazes para os departamentos de Filosofia do país e alguns do estrangeiro. Ousadamente, propuseram-se não somente a angariar

o restante dos recursos não cobertos pela CAPES para gastos com os palestrantes, mas também recursos para custear a hospedagem e alimentação dos discentes e docentes que se inscrevessem para apresentar trabalhos. Esse passo permitiu que o Simpósio alcançasse novo patamar, e vale lembrar que esse excedente foi financiado pela Prefeitura Municipal de Toledo, pelo deputado federal Dilceu Sperafico, pelos empresários da cidade de Toledo e pelo curso de Filosofia (que recebia, à época, recursos oriundos do vestibular); a direção do Campus do Toledo encarregou-se do traslado dos palestrantes. Também é de ressaltar a divulgação feita pelo professor Daniel Omar Perez no evento da ANPOF daquele ano, a qual redundou na apresentação de várias comunicações feitas por discentes e docentes oriundos de várias regiões do país e do estrangeiro.

No ano de 1998, as palestras e algumas mesas-redondas do Simpósio foram realizadas no recém-inaugurado miniauditório do campus de Toledo, enquanto que as demais atividades aconteceram nas salas de aula. O evento teve o êxito esperado, não apenas devido ao nível das palestras e comunicações proferidas ou ao expressivo número de apresentadores oriundos de universidades do país e de fora do Brasil, mas também devido ao amplo engajamento dos discentes e docentes do curso em sua organização. Outro ponto forte foi o significativo número de discentes e docentes do colegiado de Filosofia da UNIOESTE que apresentaram comunicações e tiveram oportunidade de divulgar e debater suas pesquisas com os participantes externos; do mesmo modo, os contatos e intercâmbios feitos por nossos discentes e docentes com pesquisadores do país e do exterior.

Nos anos de 1999 e 2000, o evento continuou a ser realizado no mesmo formato e contando com os financiadores dos eventos anteriores. Em 1999, a coordenação do evento ficou a cargo dos professores João Antônio Ferrer Guimaraes, José Atílio Pires da Silveira e Nelsi Kistemacher Welter; em 2000, foram coordenadores os professores Eladio Constantino Pablo Craia, César Augusto Battisti e João Antônio Ferrer Guimarães.

No ano de 2001, a coordenação do evento ficou novamente a meu encargo e dos professores Daniel Omar Perez e Eladio Constantino Pablo Craia. Acrescentamos à forma que vinha sendo dado ao evento a realização de minicursos ministrados por professores integrantes dos grupos de pesquisa vinculados ao curso de Filosofia da UNIOESTE. Naquele ano, vale ressaltar, a Fundação ARAUCÁRIA, criada no ano anterior, passou a integrar o grupo de financiadores, junto à CAPES e vários dos colaboradores dos anos anteriores. A direção do Campus de Toledo permanecia arcando com o traslado dos palestrantes, a Reitoria da UNIOESTE passou a custear os *pró-labore*, o que permanece até hoje.

A partir de 2002, já consolidado o Simpósio, anualmente sua coordenação passa a ficar ao encargo, na forma de rodízio, de um ou dois professores integrantes do quadro efetivo do curso de Filosofia. Seu formato continua praticamente o

mesmo, sofrendo unicamente alteração quanto à realização dos minicursos, que passaram a ser proferidos tanto por professores da UNIOESTE quanto por professores de outras universidades, nacionais ou internacionais. Seu financiamento – afora a contribuição do Campus com o traslado dos palestrantes, da Reitoria com o pagamento dos *pró-labore* e recursos advindos de cursos de especialização realizados pelo colegiado de Filosofia – passa a ser realizado pela CAPES e pela Fundação ARAUCÁRIA. Ressalte-se que, a partir do ano de 2005, em que é aprovado o programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Filosofia da UNIOESTE, o Mestrado auxilia no financiamento e seus alunos integram-se às comissões responsáveis pela organização do evento.

Ao longo dos anos, houve ocasiões em que alguns professores do colegiado de Filosofia propuseram a não realização do Simpósio, ou sua realização bianual, ou mesmo que sua realização fosse feita em parceria com outra universidade, ficando um ano sob a responsabilidade da UNIOESTE e outro sob responsabilidade da instituição parceira, sob o argumento de que esforço e tempo despendidos na busca de seu financiamento, ou mesmo de sua execução, ocasionava sobrecarga de trabalho. A meu ver, foi louvável a resistência a essa proposta, por parte de vários professores do colegiado de Filosofia; estes tomaram para si a responsabilidade pela realização anual do evento, apesar de assumirem maior sobrecarga de trabalho. Essa postura se mostrou adequada, dada a contribuição que o Simpósio ofertou para a abertura do curso de Pós-graduação em Filosofia na UNIOESTE e sua manutenção.

Em sendo assim, quero afirmar que, apesar de o evento ter sido iniciativa minha e do professor Atílio, sua consolidação e realização regular, ao longo do tempo, foi possível devido à contribuição de diferentes agentes internos e externos à universidade, sobretudo quanto a seu financiamento, bem como ao engajamento de discentes e docentes do curso de Filosofia. São mais de duas décadas de Simpósio, o que deve ser celebrado pela Universidade e por toda a região, porque é nosso nome que se divulga como produtor de ciência, pesquisa e reflexão de qualidade. O Curso de Filosofia da UNIOESTE é, hoje, conhecido muito além das fronteiras regionais e mesmo nacionais, o que não é pouco, em se tratando de curso sediado tão longe das capitais e dos polos tradicionais de produção do saber.

Quero agora acrescentar um relato sobre a criação da Biblioteca Setorial de Filosofia. Esse foi um projeto exclusivamente de minha autoria, inicialmente exposto ao colega de colegiado Daniel Omar Perez, que, de imediato, o encampou. Na época, Daniel e eu coordenávamos diferentes cursos de especialização em Filosofia. Na Biblioteca Geral do campus de Toledo estava alocado um acervo de livros da área muito pouco especializado; ademais, quando comprávamos livros de Filosofia para incremento do acervo, a classificação que deles era feita não condizia com as aspirações dos integrantes do Colegiado e seu conhecimento específico sobre a área e o modo de procedimento dos pesquisadores. Frente a essa situação,

propusemos ao colegiado do curso realocarmos recursos oriundos das especializações que coordenamos para a constituição de uma Biblioteca Setorial específica de Filosofia, o que foi aprovado pelos colegas. Inicialmente compramos uma série de livros e os alocamos na sala da coordenação do Colegiado de Filosofia.

Com o passar do tempo, o acervo foi crescendo, e necessitávamos criar condições para oficializar a Biblioteca Setorial como órgão autônomo em relação à Biblioteca Geral do Campus. Demandamos junto à Direção Geral do Campus de Toledo e junto ao Conselho de Campus sua inclusão na estrutura do Núcleo de Documentação e Pesquisa do CCHS, coordenado, à época, pelo professor Eladio Constantino Pablo Craia, o que foi concedido.

Feito isso enfrentamos o desafio de proceder à classificação dos livros. Em reunião com alguns colegas do curso, discutimos a metodologia apropriada, e decidiu-se que a divisão seria feita por períodos da História da Filosofia. Classificamos, inicialmente, as obras gerais referentes e cada período histórico-filosófico; na sequência, a obra completa de um autor, seguida imediatamente por obras de seus comentadores, e assim sucessivamente; criaram-se também seções específicas com obras gerais sobre as diversas áreas da Filosofia. O professor Wilson Antônio Frezzati Junior, que participara da discussão, dispôs-se a implantar um programa computacional que permitisse tal classificação, o que fez com exemplar dedicação e competência.

Estando a Biblioteca Setorial alocada no NDP e já contando com grande acervo, e tendo o curso de Filosofia da UNIOESTE apresentado à CAPES o projeto de abertura do Mestrado, deu-se a ocasião de o Conselho Universitário pautar discussão acerca de propostas de alterações na estrutura da universidade.

Como integrante desse Conselho, trabalhei para que a Biblioteca Setorial de Filosofia passasse a fazer parte da estrutura da universidade, como órgão autônomo em relação às Bibliotecas gerais dos *campi*; ela passaria a integrar o sistema das bibliotecas da universidade, sob a supervisão do curso de Mestrado em Filosofia já implantado, tendo o pleito sido atendido.

Por essa época, mediante intermediação da colega de colegiado Nelsi Kistemacher Welter e de seu esposo, Elton Carlos Welter, ex-aluno de Filosofia da UNIOESTE e na época Deputado Estadual, eu e o professor José Luiz Ames angariamos, junto ao então Deputado Federal Irineu Mário Colombo, uma emenda parlamentar para compra de livros; isso incrementaria diretamente o acervo da Biblioteca Setorial, ficando eu responsável pela elaboração da listagem de livros e pelo acompanhamento de sua compra junto às instâncias da UNIOESTE.

Na sequência, havendo o curso de Mestrado em Filosofia sido aprovado pela CAPES, tive oportunidade de participar, como seu representante, da proposição de alguns projetos para a FINEP. Num desses projetos conseguimos aprovar a

construção de um prédio para desenvolvimento de atividades do curso. Foi projetado amplo espaço, para abrigar a Biblioteca Setorial, salas de professores, sala de audiovisual e sala de estudos. O projeto foi aprovado, recursos chegaram e o prédio é ainda hoje fundamental para as atividades do curso, liberando espaço para as demais graduações e pós-graduações do Campus.

Enquanto o prédio estava sendo construído, por intermediação do então aluno do curso de Filosofia, e atual vereador da cidade de Toledo, Oséias Soares dos Santos, angariei, junto ao deputado federal Hidekazu Takayama, emenda destinada à compra de mobiliário para o local, equipamentos de ar condicionado (para o prédio de Filosofia mas também para o miniauditório e algumas salas de aula do *campus*, bem como de número expressivo de livros destinados à Biblioteca Setorial.

Terminado o prédio, nele instalamos a Biblioteca Setorial. Contudo, o ato de inclui-la no sistema das bibliotecas da UNIOESTE mostrou que precisávamos de uma bibliotecária responsável pela setorial e que se dispusesse a manter e classificar os livros de acordo com a metodologia que vínhamos utilizando. Entretanto, não havia, na época, condições para que a bibliotecária responsável pela Biblioteca Geral do campus de Toledo gerisse também a Biblioteca de Filosofia. Agenciei, então, junto à Direção Geral do Campus de Marechal Cândido Rondon, à frente do qual estava o professor Davi Schneider. Solicitei-lhe a disponibilização da bibliotecária de seu Campus, para que atendesse também às demandas que se impunham a nós. O professor Davi, por sua vez, conversou com a bibliotecária Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke, que prontamente se disponibilizou a vir a Toledo e reunir-se comigo, com o professor José Luiz Ames, coordenador do Mestrado em Filosofia, e o professor Wilson Antonio Frezzati Junior, um dos idealizadores do sistema de classificação. Ela se dispôs a responsabilizar-se pela classificação dos livros, para o que contou, por longo período, com o acompanhamento do professor Frezzatti e do professor Luciano Carlos Utteich, responsável pela Biblioteca Setorial, e, em seguida, por um período menor, com o acompanhamento da professora Ester Maria Dreher Heuser, e por último, até sua recente aposentadoria, com o professor José Luiz Ames.

Dois ou três anos após ter participado da comissão que aprovou junto à FINEP o projeto de construção do prédio de Filosofia, participei novamente, representando o Mestrado de Filosofia, de uma comissão que enviou projeto à FINEP, no qual solicitamos alguns equipamentos para o desenvolvimento das atividades dos membros do Programa de Mestrado e, desde 2015, de Doutorado em Filosofia e a aquisição de expressivo número de livros para compor o acervo da Biblioteca Setorial. Também esse projeto foi aprovado, o que resultou em novo e significativo incremento do acervo.

Atualmente, a Biblioteca Setorial auxilia, por isso, o desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa em Filosofia por parte dos professores, alunos e funcionários de todos os *campi* da UNIOESTE, e conta com a contribuição da

bibliotecária Marilena de Fatima Donatel, responsável pela Biblioteca Geral do Campus de Toledo. Vale ressaltar que, apesar do acúmulo de trabalho aí realizado, Marilena Donatel responsabilizou-se também pela classificação dos livros da Biblioteca Setorial, no formato que já vínhamos utilizando.

Todo esse percurso que conduziu à constituição e consolidação da Biblioteca Setorial de Filosofia foi possível pelo empenho dos colegas acima mencionados, bem como pela contribuição de outros que elaboraram listas de livros para compra, fizeram doações esparsas de obras ou, em alguns casos, de inteiras bibliotecas pessoais especializadas. O professor José Luiz Ames, por exemplo, ao se aposentar doou à Setorial significativo acervo de obras sobre Maquiavel. O professor Pedro Gambim, por sua vez, dou obras na área de Ética. É importante, também, frisar que membros do Programa de Pós-graduação em Filosofia constantemente disponibilizam, em reunião, verbas do Programa para aquisição de livros.

No início de minha resposta, duas palavras expressaram a síntese do que sinto após todos esses anos na UNIOESTE. Narrei pormenorizadamente a criação do Simpósio, da Biblioteca Setorial e do prédio da Filosofia para que ficasse claro o sentido das duas palavras. Todo esse esforço tem, para mim, hoje, grande significado pessoal, cujo sentido é de satisfação e gratidão.

Satisfação pelo empenho de todos os colegas no sucesso de um empreendimento realizado em prol da pesquisa e do ensino, em um curso de Filosofia localizado no interior do Paraná. Gratidão, tanto por ter tido a oportunidade de partilhar, nesse processo, da companhia de tão dedicados colegas de trabalho na UNIOESTE, quanto pela confiança que os colegas depositaram em mim para representá-los em vários momentos e em distintas instâncias em prol da constituição desses empreendimentos, tão úteis ao curso de Filosofia e à UNIOESTE como um todo.

Gostaria também de acrescentar o que segue. A partir do ano de 2000, coordenei várias edições da Especialização em Filosofia Política e do Direito. A oferta das várias edições do curso foi viável devido ao alto grau de aprofundamento de estudos e pesquisas realizados pelos membros do Grupo de Pesquisa em Ética e Filosofia Política de nosso colegiado. De fato, tendo promovido vários de grupos de estudo sobre temas ligados à Filosofia Política e do Direito, os integrantes desse Grupo de Pesquisa dispuseram-se a ministrar disciplinas na Especialização, oferecidas a alunos formados em Filosofia, Direito, e áreas afins. Os colegas mostraram disposição e desprendimento para fazê-lo gratuitamente, embora num curso pago pelos alunos, e isto com o propósito de que os recursos arrecadados fossem investidos na melhoria da infraestrutura do curso, ampliação do acervo da Biblioteca Setorial, realização de eventos, custeio da participação de professores em eventos nacionais e de alguns livros que organizei, contendo artigos escritos por alunos da Especialização, frutos dessas mesmas aulas, das orientações e revisões

oferecidas pelos colegas professores. Assim, satisfação e gratidão vêm de longe e se estendem à professores oriundos de várias universidades do país, que ministraram disciplinas na Especialização, nas diversas edições do Simpósio e em outros eventos organizados pelo curso de Filosofia da UNIOESTE.

Frente a isso, repito, meu sentimento é de satisfação pelo sucesso das várias edições do curso. Não somente pelo empenho dos colegas em contribuir para a formação de especialistas em Filosofia Política e do Direito, ou pelo desprendimento com que assim contribuíram para o curso de Filosofia, mas por ter podido compartilhar em vários momentos da companhia desse seletivo grupo de profissionais comprometidos com o ensino e pesquisa de qualidade, e de deles ter obtido a confiança no desempenho da coordenação dos cursos de Especialização, pelo que sou imensamente grato.

Dito isso, espero ter esclarecido o que quis expressar laconicamente no início da minha resposta com as simples palavras “satisfação” e “gratidão”.

D – Qual sua posição sobre a presença da disciplina de Filosofia no ensino médio, em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações de sua inclusão, do ponto de vista das políticas públicas?

LCYP - Se entendi bem a pergunta, uma resposta, para ser adequada mereceria análise e reflexão acerca da atual conjuntura nacional e, também, acerca da conjuntura educacional no país. Creio que seria também justo considerar um posicionamento pessoal relativo à situação da disciplina de Filosofia no ensino médio, em consonância com a conjuntura nacional e educacional. Por fim, faria sentido emitir opinião pessoal acerca de quais as implicações do meu posicionamento frente às políticas públicas referentes ao ensino de Filosofia no ensino médio. Uma resposta que satisfatoriamente dê conta de todos esses elementos apontados, e que considerasse adequada à pergunta, sinceramente, não poderei ofertar aqui, e isso porque basicamente ocuparia mais de uma dezena de páginas da revista, o que talvez seja mais adequado de ser feito em um artigo.

Para não deixar, de todo, em responder, porém, creio poder oferecer o seguinte caminho.

A mais recente reforma do ensino médio foi intencionalmente proposta sem prévia e ampla discussão, tanto da parte dos pesquisadores dedicados a pensar o ensino, quanto da parte dos sujeitos educacionais que potencialmente seriam afetados por ela, e manifesta uma visão pouco sábia sobre o necessário processo educacional formativo dos nossos jovens para enfrentarem os desafios postos pelo presente e aqueles a serem enfrentados no futuro.

No que diz respeito à presença da disciplina de Filosofia no ensino médio, a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio (BNCC/EM) ao excluir sua

obrigatoriedade nos três anos do ensino médio, e abrir espaço para o tratamento de conteúdos que seriam de sua alçada em função das competências e habilidades a serem desenvolvidas pela área de Ciências Humanas e Sociais em vistas ao exercício da cidadania e do mundo, e ao restringir estes conteúdos aos pertinentes às áreas de Ética, Filosofia Política, Epistemologia e Cosmologia, manifesta estreiteza de compreensão acerca da importância de conteúdos pertinentes, por exemplo, à Estética e à Lógica tanto para o exercício da cidadania quanto para melhor desempenho no mundo do trabalho. Ademais, a BNNC, ao restringir o ensino da Filosofia ao desenvolvimento de capacidades e habilidades para o exercício da cidadania e ao mundo do trabalho, descredencia a importância que o ensino especializado de conteúdos pertinentes a várias áreas da Filosofia pode ter, na etapa formativa dos estudantes; afinal, eles têm de adquirir embasamento teórico que lhes permita compreender e refletir sobre as peculiares matérias a serem abordadas pela área das humanidades e pelas outras áreas, bem como sobre seus pontos de confluência.

Sendo assim, minha posição é que a BNNC/EM, no que respeita ao ensino de Filosofia, expressa uma política pública equivocada, que nasce marcada pela falta de democracia, pela falta de reconhecimento do saber científico acerca da educação de jovens, e pelo desconhecimento e descrédito das peculiaridades intrínsecas às várias áreas da Filosofia e da importância que pode desempenhar o saber que propiciam para a formação integral dos estudantes. Ademais, sustento a posição de que, apesar de a exclusão da obrigatoriedade da disciplina de Filosofia no ensino médio ser um retrocesso frente à legislação anterior e poder ocasionar efeitos não muito alvissareiros para seu ensino, tanto a militância por seu retorno obrigatório deve estar na pauta diária de todos os envolvidos na área de Filosofia, quanto todos os professores que atuam nas universidades e redes estaduais de ensino devem engajar-se para manterem-na como disciplina e, na medida do possível, transgredirem a restrita abordagem dos conteúdos filosóficos preconizados pela BNNC/EM, ampliando-os.

D – Qual a sua perspectiva para a Filosofia no país? Que desafios a área tem pela frente, em meio a tantos ataques na seara das Humanidades?

LCYP – Entendo que só é possível opinar sobre o futuro a partir de uma peculiar compreensão acerca do que se desenvolveu no passado e do que ocorre no presente. Minha compreensão acerca do desenvolvimento da Filosofia no país envolve alguns tópicos.

Em primeiro lugar, diria que, a partir do momento em que a produção filosófica no país passou a valorizar a análise e interpretação especializada de temas abordados por filósofos clássicos da História da Filosofia ocidental mediante estudo direto, criterioso e aprofundado de seus textos, atingiu-se um nível extraordinário

de rigor e compreensão, que redundou em uma produção especializada muito competente e salutar para a área, no país, o que incidiu de forma positiva tanto sobre o modo de abordar as disciplinas pertinentes à Filosofia no ensino médio, quanto na graduação e pós-graduação.

Diria também que a ampliação do número de cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia, no país, assim como a sua interiorização, a obrigatoriedade da disciplina de Filosofia nos três anos do ensino médio, desde o ano de 2008 até à promulgação da BNCC do Ensino Médio, homologada em dezembro de 2018, tiveram como maior consequência positiva a ampliação do número de pessoas esclarecidas acerca da importância e indispensabilidade da abordagem de temas e problemas peculiares à área de Filosofia.

Por fim, considero que o recente, apesar de ainda incipiente desenvolvimento de pesquisas e ensino acerca de autores de Filosofia oriental, africana, indígena, etc., assim como de Filosofia feita por mulheres, tem se apresentado como profícuo expediente para a demonstração da pluralidade das possibilidades do que é Filosofia e seu afazer.

Frente à compreensão exposta nos três tópicos a que me referi, é minha opinião que, no futuro, não haverá retrocesso, mas se encarará um desafio: a congregação e harmonização do modo rigoroso de produzir Filosofia hoje realizado mediante o conhecimento da História da Filosofia e dos textos e dos temas abordados por autores clássicos do cânone da história da Filosofia ocidental, com um modo criativo e autoral de produzir Filosofia, atento à abordagem de temas e problemas que já desafiaram filósofos do passado e continuam desafiando os do presente, e os que ainda não abordados desafiam o pensamento humano.

Penso, também, que, apesar de em certo período termos experimentado crescente número de pessoas no país esclarecidas acerca da peculiaridade e importância do afazer filosófico, nos últimos anos esse movimento ascendente que vínhamos experimentando foi drasticamente estancado. Isto se deu, como disse, pelas medidas governamentais que implementam a nova BNCC para o ensino médio, mas também por medidas governamentais que limitam investimentos nas áreas de Humanidades e na Filosofia no ensino superior, bem como por um discurso governamental que intencionalmente busca desqualificar as Humanidades e a Filosofia, criando a imagem de sua inutilidade para o desenvolvimento e crescimento econômicos do país e dos estudantes mesmos, individualmente considerados. Alega-se que estariam cursando graduação que não forma para um ofício gerador de renda adequada a seu bem-estar e ao de sua família, em nada contribuindo para a melhoria da sociedade.

Frente a esses ataques às Humanidades e, especificamente, à Filosofia, vejo que o maior desafio a ser enfrentado é o engajamento não só de Associações nacionais

de distintas subáreas das Humanidades, mas também de seus profissionais, individualmente, visando à desconstrução tanto das políticas públicas propostas pelo governo brasileiro quanto de seus discursos. Não o fazendo, permitiram o desinteresse de alunos e gestores das escolas de ensino médio pela inclusão da Filosofia em suas grades curriculares, conseqüente baixa procura e ingresso de alunos nos cursos universitários das Humanidades, e futura exclusão da oferta desses cursos pelas universidades.

Opino, também, que, num futuro próximo – naqueles cursos de Filosofia que continuarem a ser ofertados pelas universidades, e nas disciplinas que conseguirem ser incluídas nos currículos do ensino médio – mais e mais pesquisas e atividades de ensino serão realizados, resgatando e destacando a importância e a dignidade de diversas modalidades do afazer filosófico que até então foram desvalorizados e descuidados nas universidades e escolas. Contudo, prevejo aqui um grande risco e um desafio. O risco é que, devido ao modo habitual como se tem feito Filosofia no Brasil, os pesquisadores e professores, ao dedicarem-se à pesquisa ou exposição de temas abordados por pensadoras mulheres, ou pensadores e pensadoras árabes, negros, índios, etc. restrinjam-se a produzir abordagens meramente eruditas e especializadas das teses e proposições que expõem em suas obras. Frente a isso, creio que o desafio que se imporá é, sem o desprezo do rigor necessário à interpretação textual e analítica das obras, uma reflexão produtiva que, dialogando com tais autores, redunde em produção nacional criativa e inovadora em que se descubra e exponha outro conjunto de temas e questões relevantes ao pensamento humano.

31

A Revista Diaphonía agradece ao aceite do convite do entrevistado Professor Doutor Luís César Yanzer Portela, assim como a sua participação conosco nessa segunda edição inédita de 2021.